

n ã o  
e s c r e v o  
p o e m a s  
d e  
a m o r  
**c a m i l a d i ó**

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2020*

## **Não escrevo poemas de amor**

Nunca terminei qualquer poema de amor. Não que o tema me desinteresse, já até comecei alguns versinhos insossos, mas ficou tudo por fazer. Falo de poemas de amor romântico. Toda vez que começo a escrevê-los, penso numa roupagem adequada a eles. Visto, boto uns acessórios que a propósito, passo horas escolhendo, daí num arrombo de frustração arranco tudo e guardo. Tranco na gaveta à chave contrariadíssima. Desisto de levar para passear. E olha, alguns até diriam: – Mas você idealiza esse tipo de poema! E eu, de peito aberto e do alto de uma colina, altivamente bradaria: – É verdade!

No entanto, percebo que se um dia o fizer, na verdade quero-o nu. Um poema amoroso tão pleno em sua nudez que o exibicionismo chegue a doer as vistas – e a face vermelha. Procuraria descuidadamente pelas palavras mais cruas e viscerais. Com sorte, não encontraria é claro!

Mas às vezes a gente se lasca. Porque cedo ou tarde elas vêm ao nosso encontro, as palavras. Conheço-me. Acabarei quente

de sair fumaça. Fingindo que nem vi, continuaria andando e passaria direto. Produzindo no fim das contas um bando de estrofezinhas tímidas e abobadas, sabe? Dessas que ficam se olhando entre risinhos amarelos. E como elas fogem, não costuma sobrar uma para contar história.

Já as palavras verdadeiras, deixo ocupar algum lugar entre o sonho e os recantos mais profundos deste meu tolo coração tímido (e talvez covarde), onde os versos – não importa quais sejam – correm livres como cavalos selvagens.

## **A Poesia é**

Um suspiro de alívio ante uma solução importante,  
O Zéfiro que ergue pipas e balões ao céu distante,  
O vento que provoca as ondas agitando as tempestades,  
Uma lufada longa e fresca num dia quente na cidade,  
A rajada que impulsiona barcos, arrebatando flores e desalentos,  
O sopro que varre a poeira dos momentos de esterilidade,  
É a brisa em dança e prosa com mensageiros e cataventos,  
O ar quente que amolece o corpo e inebria os pensamentos.  
E é por isso meu amigo, que algo importante tenho  
aprendido:  
Se me afogo em metáforas, a valorizar quando respiro!

## Cidade Nua

As flores na campina dançam,  
Com beija-flores serpenteiam  
E o vento vai desnudando a terra  
Que goza em frenesi o dia inteiro.

O aroma que do chão desprende,  
Embriaga as colinas verdejantes  
Que beijam o céu laranja-fim-de-tarde  
Num confuso baile entre amantes.

Se espiares de mansinho a janela  
Antes do descortinar da noite,  
Verás em êxtase o obsceno  
Pôr do sol de Belo Horizonte!

## Neurocirurgia

Bisturi, Pinça! Todo o aparato médico, por gentileza.  
Preparo a sala de cirurgia, visto o avental.  
Abro agora o crânio com truculência,  
Lutando para não passar mal.

Antes de iniciar, checo o vão resultado  
Da investigação entre as células nervosas,  
Com suas sinapses fofoqueiras,  
No momento, em polvorosa.

Certo. Último procedimento, pouco mais invasivo.  
Com as mãos protegidas em luvas assépticas  
Reviro, já quase apoplética,  
as miudezas nas entranhas deste cérebro convulsivo.

Mais morfina! Imploro ao enfermeiro.  
Rápido, por favor!  
Pois não há quem aguente a dor,  
de assim, desfolhar a mente

vasculhando com perseverança  
tendo um propósito tão pouco exigente:  
Reaver uma gota somente, de esperança.  
O restante persistente.

## Fantasia

Pela janela a lua deslumbrante distinguia  
as nuvens veladas por mistérios e enlevos  
das estrelas sisudas que me censuravam arredias,  
desvendando dos meus olhos os segredos.

Num cenário feérico envolvido pela névoa  
me escorei na janela a ter delírios  
Enquanto de libélulas e vaga-lumes a ilusão povoa  
o surreal reflexo da paisagem na lagoa.

Avistei a lua ao longe, tão exuberante!  
E digo que nunca me senti tão safista,  
Admirando-a toda naquele instante  
almejando dormir com ela e depois vesti-la

Recitaria à circunstante as poesias  
que fiz entediada nessa vida agoniante.  
Fantasia de mulher inspirada e pouco lúcida  
desejosa em ter a lua como amante.

## Dentro de um baú

Desenterrei o meu tesouro:  
Um baú de flores mortas  
cada uma, uma lembrança  
escondida nos recantos  
mais profundos dessa  
minha mente, às vezes mórbida.

pego docemente cada flor  
– que não tem mais cor  
– que não tem mais cheiro  
que se desintegram em minhas mãos,  
que escapam por entre meus dedos

e dou lugar a outras flores  
para que sequem ou apodreçam  
dentro do baú que é de memórias  
e também de recomeços.

Nenhum outro destino está reservado  
para uma flor colhida.  
Pois jamais espera em sua morte  
ser mais bonita do que foi em vida!

## Cor de roça

A face dum suado rosa  
que destoava do céu duro, cinza passeio.  
O rio que falava num tom escurecido e vítreo  
com as árvores verde macio em delineio.

As estradas batidas dum vermelho seco  
com suas cercas de um marrom descascado,  
as vacas: brancas leitosas, castanho mole  
preto lascado!

Vestia um roxo amassado,  
e calçava um bege surdo que fazia par  
com a calça de um mesclado rouco.  
A poeira na roupa era cor de sujo  
não sei se vermelho, preto ou acinzentado.  
A enxada firme tingida de antigo.  
A rede xadrez de surrado e desbotado.  
A casinha ao longe acenava laranja amigo.

A espiga nova distinguia  
um amarelo cremoso  
do pasto fresco esverdeado  
e havia o colorido tenso do cascalho  
e o formigueiro que ostentava um pardo airoso.  
Um belo quadro composto  
de uma tarde cor de trabalho.

# LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Sabon Next LT  
Pro pela Editora Penalux e impresso em  
papel off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em abril de 2020.

---